

## LUCIANO DE SAMÓSATA ALEXANDRE OU O FALSO PROFETA

tradução e notas: Daniel Gomes Bretas\*

apresentação de Jacyntho Lins Brandão  
[Universidade Federal de Minas Gerais]

Este é um texto de excepcional importância no conjunto das obras de Luciano. Ao leitor pode parecer surpreendente uma afirmação desse teor, sobretudo para aquele que sabe que a *excepcionalidade* é a marca mais característica de tudo que Luciano escreveu – na qualidade de um autor que efetivamente guarda surpresas a cada passo, seja no que concerne à manipulação dos gêneros tradicionais, seja na escolha dos temas ou na forma sempre nova como os trata. O juízo de valor justifica-se antes de mais nada pelo simples fato de que se trata de um texto *assinado*, isto é, em que Luciano se nomeia com seu nome próprio – o que, nas oitenta obras que compõem o *corpus lucianeum* é coisa rara<sup>1</sup>. Com efeito, na cena em que narra seu encontro com Alexandre, registra que este, informado de sua chegada a Abonotico, “soube que aquele era o tal Luciano” que o desafiava e difamava: segue-se então a desrespeitosa cena em que, dando-lhe o profeta a mão para beijar, Luciano retribuiu-lhe com “uma boa dentada”, fazendo com que “faltasse muito pouco para que ficasse aleijado da mão”<sup>2</sup>.

Contudo, a importância de *Alexandre ou o falso profeta* decorre também de tratar-se de um extraordinário documento sobre o segundo século, em que o interesse *jornalístico* de Luciano encontra campo fértil para exercitar-se. Não estranha que o protagonista seja um profeta, pois essa é uma época especi-

\* Trabalho de Iniciação Científica realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), sob a orientação do Prof. Jacyntho Lins Brandão

1. Os outros textos em que isso acontece são *Das narrativas verdadeiras*, *Sobre a morte de Peregrino* e *Carta a Nigrino*.

2. Comentei a importância da assinatura e da cena em BRANDÃO, J. L. *A poética do hipocentauro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

almente fecunda em homens santos, cuja pessoa ou cuja fama correm o Império, realizando prodígios e revelando mistérios<sup>3</sup>. Alexandre não é uma criação literária de Luciano, assim como o santuário de Glícon em Abonotico esteve de fato em atividade, como comprovam representações do deus em moedas da época. Sem dúvida, a opinião que Luciano difunde sobre Alexandre não deveria ser majoritária entre seus contemporâneos e o profeta poderia ter passado à história com feições menos negativas, como muitos outros que encontraram biógrafos senão pios, pelo menos mais condescendentes<sup>4</sup>.

O texto tem a forma de carta aberta dirigida a um certo Celso, que muitos acreditam tratar-se do mesmo autor do *Discurso verdadeiro* contra os cristãos<sup>5</sup>. Em que pese a dificuldade de estabelecer-se com precisão o destinatário, nada diminui a evidência de tratar-se de um libelo contra as credices que geram toda sorte de charlatanismo da parte de pessoas dispostas a manipular estes dois “enormes tiranos” dos homens em geral, “a esperança e o medo”. Assim, reflete Luciano, “aquele que for capaz de usar cada um deles para o que lhe convém enriquecerá rapidamente”, pois “ao que teme e ao esperançoso, o conhecimento do futuro é altamente necessário e almejado, e por isso Delfos foi rica e cantada no passado, assim como Delos, Claro e Branquidas, já que os homens, por causa dos tiranos que eu disse, a esperança e o medo, sempre indo e vindo aos santuários, precisam saber de antemão o futuro e, por isso, sacrificam hecatombes e consagram lingotes de ouro”.

Apesar de nosso desconhecimento das reais intenções de Alexandre e em que pese a virulência de Luciano contra toda a sorte de crenças, *Alexandre ou o falso profeta* mantém seu interesse não só como documento de uma época, mas também como profissão de fé no bom senso e na razão como valores universais. Tanto é assim que Luciano busca o modelo de tal atitude intelectual não em seu próprio tempo, mas em Epicuro, o filósofo que, cinco séculos antes, se esforçara por livrar os homens justamente daqueles dois tiranos que tornam a vida inquieta e desprazerosa<sup>6</sup>.

Vale lembrar que este é dos textos em que mais Luciano demonstra sua admiração por Epicuro, o que tem levado os críticos a indagar se não teria ele

3. Sobre a vida religiosa nos primeiros séculos de nossa era, ver BROWN, P. *Genèse de l'Antiquité tardive*. Paris: Galimard, 1984; também FESTUGIÈRE, A.-J. *La Révélation d'Hermès Trismégiste*. Paris: s/ed., 1944-1954; ainda DODDS, E.R. *Pagans and Christians in an Age of Anxiety*. Cambridge: Cambridge Univ., s.d.

4. Sobre as circunstâncias históricas da atividade de Alexandre de Abonotico, ver CASTER, M. *Études sur Alexandre ou le faux prophète de Lucien*. Paris, s/ed., 1938.

5. Sobre o assunto, veja-se SCHWARTZ, J. *Biographie de Lucien de Samosate*. Bruxelles, Latomus, 1965.

6. Sobre as relações de Luciano com seu tempo, vejam-se BALDWIN, B. *Studies in Lucian*. Toronto: Hakkert, 1973; JONES, C. P. *Culture and Society in Lucian*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1986.

aderido a essa corrente filosófica<sup>7</sup>. Não parece todavia sensato pensar que o louvor do filósofo implique adesão ao epicurismo enquanto escola, pois o que Luciano mais parece abominar é o sectarismo, enquanto supõe a aquiescência passiva a certo corpo de doutrinas, o que contraria frontalmente sua concepção de *cultura* (*paidéia*). Com efeito, o que deve caracterizar o homem culto é a prática de uma absoluta *liberdade* intelectual, que lhe permita avaliar, de modo isento, tudo e todos<sup>8</sup>. Isso é justamente o contrário do que fazem todos os que dão fé a Alexandre, sobretudo aqueles que, apesar de terem acesso aos benefícios de uma elevada *paidéia*, se deixam enganar tolamente, de que o exemplo máximo é Rutiliano, “um homem em tudo nobre e virtuoso, que exercera muitos cargos em Roma, mas, no que concerne aos deuses, muito doentio e crente em tudo de extraordinário que os envolvesse”, o qual se torna o devoto por excelência do falso profeta. Em suma: com sua fé doentia, um homem em tudo ridículo.

Aliás, se no presente texto Epicuro se apresenta como paradigma dessa liberdade na esfera da religião, não se pode negar que se trata de um epicurismo envolvido pelo riso, o riso cáustico dos cínicos que, como verdadeiros cães, sabem *morder rindo*<sup>9</sup> – o que afinal se representa fazendo o próprio Luciano, cuja dentada na mão do profeta simboliza bem o que pretende ser o texto na inteligência do leitor.

\* \* \*

[1] Também tu, caríssimo Celso, considerarás algo pequeno e sem importância o meu encargo: contar-te a vida de Alexandre, o charlatão de Abonotico, e escrever em um livrinho, para enviar-te, suas mentiras, suas ousadias e seus truques. Esse encargo, porém, caso se quisesse relatar cada detalhe com exatidão, não seria menor do que registrar os feitos de Alexandre, filho de Filipe. Este nosso está para a maldade tanto quanto aquele está para a virtude. Igualmente, se estiveres pronto para ler com condescendência e avaliar o que falta em vista dos fatos narrados, me encarregarei da empreitada para ti e tentarei limpar o estábulo de Augias, ainda que não todo: com efeito, por mais que tire,

7. Sobre as relações de Luciano com as escolas de filosofia, ver BRANHAM, B. *Unruly Eloquence: Lucian and the Comedy of Traditions*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1989; registre-se também o estudo inaugural de HELM, R. Lucian und die Philosophenschule. *Neue Jahrbücher für das klassische Altertum*, v. 9, pp. 188-213 e 351-369, 1902; por fim, o clássico de CASTER, M. *Lucien et la pensée religieuse de son temps*. Paris: Les Belles Lettres, 1937.

8. Cf. LUCIANO. *Hermótimo e Como se deve escrever a história*.

9. Cf. LUCIANO. *Dupla acusação*, referindo-se a Menipo. A imagem da mordida do cão aparece também em outros textos, especialmente em *O amante das mentiras ou o incrédulo* e em *Nigrino*.

no limite de minhas forças, retirarei poucas cestas, para que, a partir delas, possas estimar quanto e o quanto indizível era toda a merda que três mil bois puderam fazer em muitos anos.

[2] Entretanto, tenho receio por ambos, por ti e por mim mesmo. Quanto a ti, de que julgues digno de ser legado à posteridade, pela memória e pela escrita, um homem tão desgraçado. Quanto a mim, de que despenda esforço por causa de uma história dessas e das ações de um homem que não seria digno de ser conhecido por pessoas educadas, mas de ver-se num enorme circo vagabundo, sendo estraçalhado por macacos ou raposas. Mas, se alguém nos fizer essas acusações, nós também teremos algo semelhante para apresentar como nosso modelo. De fato, Arriano, o discípulo de Epicteto, um homem que estava entre os mais importantes romanos e que conviveu com a cultura ao longo de toda sua vida, como passou por uma situação semelhante, ao menos falaria em nossa defesa: pois ele também considerou digno escrever a vida do bandido Tilôrobo. Nós, porém, preservaremos a memória de um bandido muito mais selvagem, tanto mais que agiu não nas florestas ou nas montanhas, mas nas cidades, atacando não apenas a Mísia ou o Ida, nem pilhando umas poucas partes da Ásia, as mais desertas, mas, como se diria, enchendo todo o Império Romano com seu banditismo.

[3] Antes de tudo, vou desenhá-lo para ti com palavras, representando-o da maneira mais parecida que puder, mesmo não sendo muito dado ao desenho. Bem, quanto ao corpo, para que te mostre também sua figura, ele era alto, belo de se ver e verdadeiramente digno de um deus, de pele branca, barba não muito espessa, tendo sobre a cabeça uma cabeleira natural e ainda outra, postiça, muito bem feita (e que a maioria esquecia que era alheia); olhos que brilhavam com muito ardor e inspiração, uma voz agradabilíssima e muito clara; em suma, sob aspecto algum era repreensível quanto a tais coisas.

[4] Ele era assim quanto ao físico – mas, sua alma e seu saber... Hércules que afasta o mal, Zeus protetor, Dioscuros salvadores! Que meus inimigos e desafetos se encontrem e convivam com alguém assim! Pois em inteligência, vivacidade e penetração de espírito distinguia-se muito dos outros, e a atenção para o detalhe, a facilidade de aprender, a memória e a predisposição para o conhecimento, tudo isso sempre houve nele em excesso. Porém, usava-as para os piores fins e, tendo esses instrumentos nobres submetidos ao seu desejo, bem logo acabou por tornar-se o maior dos que ficaram célebres pela maldade, acima dos Cercopes, acima de Euríbato, de Frinondas, de Aristodemo ou de Sótrato. Ele mesmo, certa vez, escrevendo a seu genro Rutiliano e dizendo as coisas mais comedidas sobre si mesmo, considerava-se semelhante a Pitágoras! Que Pitágoras – homem sábio e de sabedoria divina – não nos julgue mal, mas, se tivesse nascido neste tempo, bem sei que pareceria ser um menino perto dele. E, pelas Graças, não penses que estou dizendo isso de Pitágoras por insolência, ou ten-

tando associá-los pela semelhança de suas ações. Se alguém, de forma parecida, ajuntar num mesmo lugar as piores e mais difamadoras calúnias ditas sobre Pitágoras, as quais eu mesmo não acreditaria serem verdadeiras, todas elas seriam uma parte mínima da monstruosidade de Alexandre. Em suma, peço que imagines e modeles em tua mente uma certa mistura de almas variadíssima, formada de mentira, ardis, perjúrios e fingimentos, sem escrúpulos, ousada, descarada, empenhada em realizar seus planos e ainda persuasiva, confiável, fingindo o melhor e exibindo a aparência mais oposta à sua intenção. Ninguém mesmo, ao encontrá-lo pela primeira vez, se afastaria sem ter a opinião de que seria o mais nobre e sensato de todos os homens e também o mais simples e sincero. Além de tudo isso, tinha a tendência para os grandes feitos, de não pensar em nada pequeno, mas sempre dirigir seu espírito para os assuntos mais elevados.

[5] Sendo então ainda um rapazinho bem na flor da idade (como seria possível julgar a partir do que veio a sobrar dele e escutar dos que o conheceram), prostituía-se sem reservas e dava-se a troco de pagamento aos que o solicitavam. Dentre estes, toma-o para si, como amante, um charlatão, daqueles que prometem encantos e ensalmos divinos, sorte nos assuntos amorosos, desgraças para os inimigos, descobertas de tesouros e recebimentos de heranças. Vendo um menino viçoso e muito disposto a ajudá-lo em seus negócios, não menos apaixonado por sua maldade do que ele mesmo por sua juventude, educou-o e continuou a usá-lo como ajudante, subordinado e criado. Esse mesmo homem, aliás, era médico do serviço público e conhecia, como a mulher do egípcio Ton,

muitas drogas benéficas, em misturas, e muitas prejudiciais<sup>10</sup>,

de todas as quais Alexandre se tornou herdeiro, como seu sucessor. Esse professor e amante era tíano de nascimento, daqueles que conviviam muito com Apolônio de Tiana e conheciam toda a sua tragédia. Vês de qual escola veio o homem de que te falo?!

[6] Alexandre, já cheio de barba e, com a morte daquele tíano, atirado na miséria, perdendo também nessa época a flor da juventude, com a qual conseguia sustentar-se, já não ambicionava mais nada pequeno. Associou-se a um certo autor de coros bizantino, daqueles que se atiram às competições e de natureza muito mais abominável do que a dele (chamava-se, creio, Coconas). Eles vagavam fazendo charlatanices, aplicando golpes e arruinando os “grosseirões” (assim, na linguagem tradicional dos bruxos, chamam o grosso da humanidade). Tendo encontrado, no meio deles, Mácetis, uma mulher rica, já longe de sua primavera, mas que queria ser ainda desejável, obtinham dela o

10. *Odisseia*, IV, 228.

necessário para se manterem. Acompanharam-na da Bitínia até a Macedônia. Essa mulher era de Pela, antigamente um lugar próspero, no tempo dos reis macedônios, mas agora modesto e com pouquíssimos habitantes. [7] Nesse local, eles viram serpentes enormes, domesticadas e muito mansas, a ponto de serem criadas por mulheres e dormirem com crianças. Deixavam-se pisar, não se enfureciam quando apertadas e bebiam leite dos seios como fazem os bebês. Há muitas dessas lá, de onde parece que, antigamente, espalhou-se o mito a respeito de Olímpia, que teria concebido Alexandre ao dormir, creio, com uma serpente assim. Eles compram um dos répteis, o mais belo, por poucos óbolos. E aí, como disse Tucídides, começa então a guerra.

[8] Como era de se esperar de dois homens péssimos, muito ousados e muito dispostos a fazer o mal, unidos para um mesmo fim, facilmente compreenderam que a vida dos homens é governada por estes dois enormes tiranos, a esperança e o medo, e que aquele que for capaz de usar cada um deles para o que lhe convém enriquecerá rapidamente, pois viam que a ambos, ao que teme e ao esperançoso, o conhecimento do futuro é altamente necessário e almejado, e por isso Delfos foi rica e cantada no passado, assim como Delos, Claro e Branquidas, já que os homens, por causa dos tiranos que eu disse, a esperança e o medo, sempre indo e vindo aos santuários, precisam saber de antemão o futuro e, por isso, sacrificam hecatombes e consagram lingotes de ouro. Discutindo e revirando esse assunto entre si, decidiram fundar um santuário profético e um oráculo, pois, se isso lhes saísse bem, tinham esperança de logo virem a ser ricos e prósperos - o que lhes sucedeu mais do que esperavam e se mostrou melhor do que suas primeiras expectativas.

[9] A partir de então, passaram a examinar, primeiro, qual seria o lugar e, depois, como seria o começo e o modo de ataque. Coconas aprovava a Calcedônia, julgando-a ser um lugar propício e rico, próximo da Trácia e da Bitínia, perto da Ásia, da Galácia e de todos os povos que habitam o interior. Já Alexandre, em vez disso, preferia sua terra natal, dizendo (o que era verdadeiro) que, para o ataque e o começo do que pretendiam, eram necessários homens grosseirões e ignorantes, capazes de suportar os golpes, tais como se dizia serem os paflagônios que habitam os arredores de Abonotico, em sua maioria supersticiosos e ignorantes. Bastava que aparecesse uma pessoa acompanhada de alguém tocando flauta, ou batendo címbalos ou tímpanos e adivinhando com a peneira<sup>11</sup>, como se diz, e logo logo ficavam todos de queixo caído, como se vissem um ser vindo do céu.

[10] Surgiu entre eles um grande desentendimento a esse respeito e venceu, por fim, Alexandre. Chegando à Calcedônia (pois essa cidade ainda lhes pare-

11. Referência à “coscinomania”, prática de adivinhação por meio de peneira (*kóskinos*), considerada proverbialmente uma forma de charlatanice, como se pode ver nesta passagem.

cia ser útil em algo), enterram, no templo de Apolo (que é o mais antigo dos da Calcedônia), tabuinhas de bronze dizendo que, muito em breve, Asclépio, com seu pai Apolo, se mudaria para o Ponto e se estabeleceria em Abonotico. Essas tabuinhas, convenientemente descobertas, fizeram circular facilmente tais palavras por toda a Bitínia, pelo Ponto e, muito antes dos outros lugares, em Abonotico. Seus habitantes, então, decidiram por voto erguer um templo e já escavavam seus alicerces. Enquanto isso, Coconas permanecia na Calcedônia, redigindo alguns oráculos dúbios, ambíguos e obscuros; pouco tempo depois, terminou sua vida, picado, creio, por uma víbora.

[11] Alexandre partiu antes dele, já de cabelos longos, deixando cair uns cachos, vestido com uma túnica meio branca, meio púrpura e com um manto branco jogado sobre si, levando um falcão (assim como Perseu, do qual pretendia descender por parte de mãe). E aquelas pestes dos paflagônios, que haviam conhecido seus dois pais, apagados e humildes, acreditaram no oráculo que dizia:

Persida de raça, amado de Apolo é este que se vê,  
o divo Alexandre, a quem coube o sangue de Podalírio.

Esse Podalírio, aliás, era por natureza lascivo e louco por mulheres: ficou de pau duro pela mãe de Alexandre de Trica até a Paflagônia.

Já tinha sido proferido um outro oráculo, como que através da Sibila:

Junto às bordas do Ponto Euxino, perto de Sinope,  
existirá alguém como a Torre, sob o império dos Ausônios, um profeta,  
pela primeira vez mostrando a unidade e, triplicando as dezenas,  
cinco outras unidades e uma tríplice vintena:  
a homonímia guerreira de um homem defensor<sup>12</sup>.

[12] Então, após Alexandre ter-se atirado à sua pátria representando uma tal tragédia, depois de muito, enfim, tornou-se admirado e célebre. Fingia algumas vezes que estava em delírio e enchia a boca de espuma – o que era fácil de fazer, mastigando a raiz da saboeira, uma erva de tingir. Para seus compatriotas, até a espuma parecia algo divino e assustador. Há muito tempo estava confeccionada e pronta uma cabeça de serpente, de tecido fino, sugerindo alguma coisa antropomórfica. Era colorida, muito bem feita, abria e fechava a boca por meio de fios de crina de cavalo. Ainda, uma língua dupla, como a das

12. O sistema de notação numérica grego utiliza letras. As letras correspondentes aos valores enumerados (1, 30, 5, 60) formam, nessa seqüência, *alex*, a raiz do verbo *aléxo* (defender), que faz parte do nome *Alexandre*. O próprio nome aparece no último verso, invertido: *andròs alexetêros* (“de um homem defensor”).

serpentes, negra, saía da boca, também puxada por fios. E a serpente de Pela estava sendo guardada e criada em casa, para lhes ser mostrada na hora certa e participar também da tragédia - ou, antes, para ser a protagonista.

[13] Sendo já preciso começar, tramou mais ou menos o seguinte. À noite, dirigiu-se aos alicerces do templo, cavados recentemente. Havia um pouco de água acumulada neles, brotando de lá mesmo, de algum ponto, ou caída do céu. Nesse lugar, depositou um ovo de ganso, esvaziado de antemão, que guardava um réptil recém-nascido. Mergulhando-o no fundo da lama, voltou a se afastar. Correu nu para a ágora ao nascer do dia, usando um cinturão dourado em volta das vergonhas, levando aquele falcão e sacudindo ao mesmo tempo a cabeleira solta, como os servidores da Mãe Cibele, tomados pelo delírio. Discursou trepado em um estrado alto e bendisse a cidade, que bem logo receberia o deus à vista de todos. Os presentes – tinha de fato concorrido quase toda a cidade, com as mulheres, os velhos e as criancinhas – ficaram pasmos, suplicavam e se prostravam. Ele, emitindo algumas palavras incompreensíveis, que talvez fossem hebraicas ou fenícias, deixou aturdidos os homens, que não sabiam o que estaria dizendo, a não ser isto: que ele apresentaria Apolo e Asclépio a todos.

[14] Então, correu em disparada para o futuro templo. Chegando ao buraco que cavara e à fonte do oráculo, previamente construída, entrou na água, cantando em voz alta hinos a Asclépio e a Apolo, chamando o deus para que fosse à cidade naquela boa ocasião. Então, pedindo uma taça, e dando-a alguém, afundou-a facilmente e, junto com a água e a lama, puxou aquele ovo, em que o deus tinha sido fechado por ele próprio, com o encaixe da tampa colado com cera branca e alvaiade. Tomando-o em suas mãos, disse que já segurava Asclépio. Os presentes observavam fixamente o que aconteceria, admirados já antes por o ovo ter sido descoberto na água. Em seguida, depositando-o no côncavo da mão, acolheu nela aquele filhote de réptil. Todos viram-no mexendo-se e enroscando-se em seus dedos, gritaram prontamente, saudaram o deus, bendisseram a cidade, e, com a boca aberta, cada um se encheu de votos, pedindo-lhe tesouros, riquezas, saúde e os demais bens. E Alexandre, veloz, correu para casa de novo, levando juntamente o Asclépio recém-nascido,

duas vezes parido, enquanto os outros homens são paridos uma<sup>13</sup>,

não por Corônís, nem mesmo por uma coroa<sup>14</sup>, mas – por Zeus! – nascido de um ovo de ganso. O povo inteiro o seguiu, todos entusiasmados e delirando de esperança.

13. Cf. *Odisséia*, XII, 22.

14. Simples brincadeira baseada na semelhança sonora entre *Koronís* (Corônís), mãe de Asclépio, e *koróne*, “coroa”.



[15] Entretanto, ele permaneceu em casa por alguns dias, esperando o que de fato viria a acontecer: muito rapidamente, numerosíssimos paflagônios correram por causa de sua fama. Então, a cidade ficou abarrotada de homens, todos já privados de cérebro e coração, em nada se parecendo com os homens que comem pão, não diferindo de um bando de carneiros senão pelo aspecto. Ele, deitado sobre um leito, num casebre, equipado como se fosse um deus, colocou dentro do seio aquele Asclépio de Pela, muito grande e bonito, como eu já disse, enrolou-o por inteiro em volta do pescoço e, deixando para fora sua cauda (ela era comprida, a ponto de cair-lhe pelo regaço e de pender-lhe pelo corpo), exibia a cabeça de tecido sobre o seu rosto, como se fosse realmente daquele que estaria aparecendo por inteiro.

[16] Imagina então um casebre não muito iluminado, sem luz o suficiente, e uma multidão de homens agitados, perturbados, impressionados de antemão e flutuando de esperança, aos quais se mostrou, ao chegarem, um fato extraordinário (como era de se esperar): daquele réptil, até então pequeno, em poucos dias tinha surgido uma serpente enorme, antropomórfica e, ainda por cima, também mansa. Eles se apressavam logo em direção à saída e, antes de vê-la detidamente, eram empurrados para fora pelos que vinham em seguida, sem parar (tinha sido aberta uma outra saída no lado oposto à entrada). Uma história conta que também os macedônios, na Babilônia, fizeram algo assim durante a doença de Alexandre, quando ele já estava moribundo e os que rodeavam o palácio real desejavam vê-lo e dizer-lhe as últimas palavras. Dizem que o imundo deus desse espetáculo não uma só vez, mas muitas, e principalmente se alguns dos novos ricos aparecessem por lá.

[17] Nessa ocasião, caro Celso, se devemos dizer a verdade, é preciso ter condescendência para com aqueles paflagônios e pônticos, homens grosseiros e ignorantes, por terem sido enganados e engabelados pela serpente (já que Alexandre oferecia isso aos que o desejavam). Com efeito, era sob pouca luz que viam aquela cabeça, como se realmente fosse daquele corpo, abrindo e fechando a boca. O engenho era tal que exigiria um Demócrito, ou mesmo o próprio Epicuro, Metrodoro ou algum outro com uma inteligência de aço, a fim de que duvidasse e imaginasse o que de fato seria, ou, se não fosse capaz de descobrir a maneira pela qual aquilo se dava, para que estivesse previamente convencido de que, mesmo permanecendo-lhe oculto o segredo do truque, tudo aquilo era falso e impossível de acontecer.

[18] Rapidamente, também a Bitúnia, a Galácia e a Trácia afluíam para o oráculo, pois cada um dos que estiveram lá contava, com verossimilhança, como teria visto o deus ao nascer e, mais tarde, como o teria tocado, depois que, em pouco tempo, se tornara enorme e com o rosto semelhante ao de um homem. Havia pinturas sobre isso, imagens e estátuas, umas modeladas em bronze, outras em prata, com o nome do deus inscrito. Inclusive, ele foi chama-

do de Glícon, a partir de uma certa ordem divina, em metro. Uma vez, Alexandre proclamara:

Sou Glícon, terceiro sangue de Zeus, luz para os homens.

[19] E quando chegou a ocasião por causa da qual tudo tinha sido tramado (dar oráculos aos que necessitavam e fazer adivinhações), obtendo a permissão de Anfíloco, na Cilícia – pois também este, depois da morte de seu pai Anfiarau e do seu desaparecimento em Tebas, exilado de sua própria pátria e partindo para a Cilícia, não se saiu mal aí, predizendo ele mesmo o futuro aos cilícios e recebendo dois óbolos por cada previsão – tomando de lá a permissão, Alexandre anunciava a todos que iam até ele que o deus faria previsões, marcando uma data determinada. Ele ordenou a cada um escrever em um rolo aquilo de que tinha necessidade ou o que mais gostaria de saber, costurando-o e selando-o com cera, barro ou algo parecido. Ele mesmo, recebendo os rolos e descendo para o recinto sagrado – de fato, o templo já estava erguido e a cena preparada – devia chamar segundo a ordem quem os tinha entregado, por meio de um mensageiro ou ajudante, e, depois de ouvir cada palavra do deus, devolver o rolo, selado como o recebera, assim como a resposta dada, escrita sobre ele, de forma que o deus responderia em verso ao que lhe perguntassem.

[20] Esse artifício era, para um homem como tu, ou (que eu não diga algo presunçoso) como eu, evidente e fácil de descobrir, mas, para aquela gente simples, com o nariz cheio de meleca, era algo prodigioso e quase inacreditável. De fato, imaginando variadas maneiras de soltar os selos, ele lia cada uma das perguntas e respondia o que lhe parecia por bem. Então, enrolando e selando de novo os rolos, devolvia-os para grande espanto dos que os recebiam. E esta era a grande pergunta: “Como é que ele saberia o que eu mesmo, lacrando com muito cuidado, lhe entreguei, debaixo de selos difíceis de copiar, se não fosse realmente um deus que sabe tudo?”

[21] Quais seriam seus truques, igualmente me perguntarás. Escuta-me então, para que possas desmascarar coisas assim. O primeiro deles era aquele velho, caríssimo Celso: esquentando uma agulha, derretia e tirava a parte da cera debaixo do selo e, depois da leitura, aquecendo as duas superfícies da cera de novo com a agulha (a inferior, sob o linho, e a que tem o selo), colava-as facilmente. Outra maneira era a da chamada “massinha”, preparada com resina de Brúcio, asfalto, pedra de cristal triturada, cera e goma de lentisco: feita disso tudo, a “massinha” era aquecida ao fogo, colocada sobre o selo, untada previamente com saliva, e adquiria a forma do desenho. Então, depois que a massa rapidamente secava, ele soltava o selo sem problemas e lia todo o conteúdo. Por fim, aplicando de novo a cera, reproduzia o selo, usando como que um sinete muitíssimo parecido com o molde. Escuta o terceiro artifício, além desses: misturando cal à cola com a qual se colam os livros e fazendo com isso

uma cera, aplicava-a ainda molhada sobre o selo e, tirando-a (logo se torna seca e mais dura do que chifre – ou melhor: do que ferro), usava-a para a impressão. Há ainda, além dessas, muitas outras artimanhas, as quais não é necessário lembrar, para que não pareçamos ter perdido o limite do belo, e, principalmente, há o bastante para o presente propósito – e, muito mais do que aqui, no que tu mesmo escreveste contra os magos, escritos belíssimos e, ao mesmo tempo, utilíssimos e capazes de tornarem sensatos os que os lerem.

[23] Sendo preciso, ele também profetizava, valendo-se então de muita inteligência e aliando o cálculo à imaginação, respondendo às perguntas de uns com coisas equívocas e ambíguas, às de outros com palavras completamente obscuras, pois também isso lhe parecia próprio dos oráculos. Dissuadia ou incitava uns como melhor lhe parecia, fazendo conjecturas. A outros, ele prescrevia tratamentos e dietas, conhecendo, como disse no início, muitas drogas benéficas. Principalmente, tinham muita fama as suas “citmidas”, nome forjado para um fortificante preparado com gordura de urso. Entretanto, ele sempre adia indefinidamente as esperanças, os sucessos e os ganhos dos herdeiros, alegando que “tudo acontecerá quando quiser eu, e Alexandre, meu profeta, implorar-me e rogar por vós”.

[24] O pagamento por cada oráculo fora estabelecido em uma dracma e dois óbolos. Não julgues pouco, companheiro, e nem que o preço fora estimado baixo, pois ele acumulava de setenta a oitenta mil por ano, por dez ou quinze oráculos proferidos a cada um dos homens que pagavam sem se saciar. Embora recebendo, ele mesmo não proferia oráculos, nem entesourava sozinho o que ganhava a ponto de ficar rico, pois já tinha em volta de si muitos cúmplices, subordinados, espiões, autores de oráculos, vigias do templo, escribas, seladores e intérpretes, pagando a cada um deles o seu salário.

[25] Já então enviava alguns deles ao estrangeiro, para espalhar a fama do oráculo entre os povos de fora e contar como predizia, como descobria fugitivos, denunciava ladrões e bandidos, revelava tesouros a desenterrar, curava doentes e até mesmo como já havia ressuscitado alguns mortos. Começou então de todos os lados a acorrída, o tumulto, os sacrifícios e as oferendas, estas em dobro para o profeta e discípulo do deus. E então foi proferido este oráculo:

Honrar ordeno o meu criado, meu intérprete:  
não por riquezas zelo, mas por meu intérprete.

Quando muitos dos que mantiveram a razão, como que voltando de uma embriaguez profunda, já se aliavam contra ele (principalmente os que eram seguidores de Epicuro) e, aos poucos, todo o engano e a maquinação da trama iam sendo desmascarados nas cidades, fabricou ele um espantalho, dizendo que o Ponto estava cheio de ateus e de cristãos, os quais ousariam levantar-lhe as piores calúnias. Mandou que os expulsassem a pedradas, se realmente quises-

sem ter o deus a seu favor. A respeito de Epicuro, foi ainda proferido um oráculo mais ou menos assim: perguntando alguém o que Epicuro estaria fazendo no Hades,

“De chumbo tendo peias” – diz – “na lama jaz”.

E ainda admiras que tenha sido dado um oráculo sobre algo tão grande, vendo como as perguntas dos que o procuravam eram inteligentes e eruditas?

Em suma, para ele, a guerra contra Epicuro era implacável, feita às escondidas – e ainda, acima de tudo, muito conveniente. De fato, a quem mais faria guerra, com mais justiça, um sujeito charlatão e amigo do prodigioso, com aversão à verdade, senão a Epicuro, um homem que compreendera toda a natureza das coisas e que, somente ele, soube a verdade que há nelas? Os seguidores de Platão e Crisipo e os admiradores de Pitágoras, com relação a esses havia uma paz profunda; já o inflexível Epicuro (de fato, ele era chamado assim) era-lhe odioso – justamente por expor tudo aquilo ao riso e à brincadeira. Por isso, dentre as cidades do Ponto, ele odiava especialmente Amástris, pois sabia que viviam nela os discípulos de Lépido e muitos outros parecidos com eles. Jamais proferiu oráculo algum para nenhum homem de Amástris.

Quando ousou dar um oráculo ao irmão de um senador, saiu-se de um modo ridículo, por não encontrar uma maneira de forjar ele mesmo um oráculo direito, nem ter alguém a quem pudesse pedir que o compusesse a tempo. O homem se queixava de dor de estômago. Querendo prescrever-lhe que comesse pé de porco preparado com malva, ele disse:

Malva de porca salpica em sagrada gamela.

[26] Muitas vezes, como eu disse, mostrou a serpente aos que pediam, não inteira, mas, na maioria das vezes, apenas a cauda e o resto do corpo, jogando-os sobre seu peito e guardando a cabeça debaixo do seio, invisível. Querendo aturdir ainda mais a multidão, planejou também apresentar o deus falando, proferindo ele próprio oráculos sem intérprete. Então, ligando sem dificuldade traquéias de grou, passou-as por dentro da cabeça (aquela fabricada com grande verossimilhança) e, colocando outra pessoa berrando do lado de fora do recinto, respondia as perguntas, retumbando a voz de dentro daquele Asclépio de pano. Esses oráculos eram chamados “autófonos”. Não eram proferidos para todos, sem restrição, mas para os bem vestidos, ricos e generosos.

[27] O que Severiano ouviu, a respeito da invasão da Armênia, era autófono também. Exortando-o ao ataque, ele dizia assim:

E os Partos Armênios sob aguda lança domando,

voltarás a Roma e às do Tibre límpidas águas,  
a coroa levando nas fontes, envolta em raios solares.

Então, uma vez que aquele celta idiota, acreditando nele, lançara-se à invasão e morrera, arrasado pelo exército comandado por Ósroo, ele retirou o oráculo dos registros e colocou outro em seu lugar:

Não envies tu contra os Armênios teu exército, pois não é mais valeroso,  
a fim de que evites que um homem de vestes feminis, de um arco cruel  
fado endereçando-te, interrompa-te a vida e arrebate à luz.

[28] Outra vez, ele imaginou mais uma coisa com grande esperteza: os oráculos revelados depois de certo tempo, para consertar os mal previstos e que falharam. Com frequência, ele trocava a morte pela saúde dos doentes; morrendo estes, havia um outro oráculo pronto, retratando-o:

Não há mais buscar para a cruel doença remédio,  
nem ao fado manifesto fugir é-te possível.

[29] Sabendo que os oráculos de Claro, Dídimos e Malo também gozavam de fama, por uma arte divinatória parecida com a sua, tornou-os seus amigos, enviando-lhes muitos dos que iam até ele, dizendo:

A Claro vai agora, para que escutes a voz de meu pai;

ou então:

Dos templos de Branquidas aproxima-te, e escuta seus oráculos;

ou ainda:

A Malo parte e às previsões de Anfiloco.

[30] Era assim dentro dos limites da Jônia, da Cilícia, da Paflagônia e da Galácia. Quando a fama do oráculo alcançou também a Itália e se abateu sobre a Urbe dos romanos, não houve ninguém que ficasse quieto por lá: uns iam pessoalmente até o lugar, outros enviavam representantes, principalmente os mais poderosos e que tinham as mais altas dignidades em Roma. Destes, o primeiro e mais importante foi Rutiliano, um homem em tudo nobre e virtuoso, que exercera muitos cargos em Roma, mas, no que concerne aos deuses, muito doentio e crente em tudo de extraordinário que os envolvesse. Bastava ver uma pedra unguada ou coroada e logo estava caído diante dela, reverenciando-a, sucumbido por muito tempo, rogando e implorando-lhe o bem.

Esse homem, então, escutando o que se dizia do oráculo, teve imediatamente necessidade de voar para Abonotico, abandonando o cargo que tinha nas mãos. Enviou mensageiros, uns após os outros. Os que mandara para lá, uns simples criados, voltaram iludidos com facilidade, contando o que viram e também, como se as tivessem visto, outras coisas de que apenas tinham ouvido falar – e ainda aumentavam tudo, a fim de conquistar maior estima de seu senhor. Assim, inflamaram o pobre velho e atiraram-no numa loucura fervorosa.

[31] Ele, como era amigo da maioria dos poderosos, andou de um lado para outro contando o que tinha ouvido dos mensageiros e acrescentando ainda outras coisas por conta própria. Assim, encheu a Urbe com aquelas histórias e deixou-a agitada, perturbando a maioria dos que viviam na corte, que também se apressaram em ir escutar em pessoa algo que lhes dissesse respeito.

Alexandre, recebendo com muita benevolência os que iam até ele e tornando-os favoráveis com sua hospitalidade e outros agrados generosos, enviava-os de volta não apenas para levar as respostas, mas ainda para cantar hinos ao deus e contar mentiras prodigiosas sobre o oráculo. [32] Além disso, o desgraçado imaginou uma coisa que não era tola nem própria de um bandido qualquer: desatando os pequenos rolos enviados e lendo-os, se descobria algo delicado e comprometedor nas perguntas, retinha-os e não os mandava de volta, para que, por meio do medo, tivesse na palma da mão, como mais do que escravos, os que os tinham mandado, os quais possivelmente se lembrariam do que haviam perguntado. Imaginas o tipo de pergunta que, com certeza, faziam os ricos e poderosos. Ele tomava muito desses homens, que sabiam como ele os tinha dentro de suas redes.

[33] Quero contar-te também alguns dos oráculos proferidos a Rutiliano. Perguntando este, a respeito de seu filho com sua primeira mulher, que já estava na idade de estudar, quem deveria dar-lhe como professor, ele disse:

Pitágoras e o bom aedo que reporta guerras.

Ora, como o menino morreu poucos dias depois, ele ficou sem saída, não podendo dizer nada contra os que o atacavam, por ter sido o oráculo tão rapidamente desmentido. Mas o próprio Rutiliano, brilhante, adiantou-se e entrou em defesa do oráculo, dizendo que o deus tinha mostrado com antecedência aquilo mesmo e que, por meio daquelas palavras, tinha determinado que não deveria dar-lhe ninguém vivo como professor, pois Pitágoras e Homero estavam mortos há muito tempo e, com certeza, o juvenzinho se encontrava então com eles no Hades. O que se deveria repreender como indigno em Alexandre, se ele julgava digno passar o tempo com tal gentinha?

[34] Outra vez, perguntando de quem tinha recebido a alma, o oráculo respondeu-lhe:

Primeiramente foste o Pelida, depois Menandro,  
então o que se mostra agora; depois, serás raio de sol,  
e viverás, além dos cem, oitenta anos.

Ele morreu aos setenta anos, de melancolia, sem esperar pela promessa do deus. E esse oráculo era dos tais autófonos!

**[35]** Interrogado certa vez por Rutiliano a respeito de casamento, ele disse expressamente:

Casa-te com a filha de Alexandre e da Lua.

Ele tinha espalhado, desde muito, uma história segundo a qual a filha que tinha nascera da Lua, pois, certa vez, a própria Lua apaixonara-se por ele, vendo-o dormir (o que é um costume seu, amar os belos homens que repousam). Sem hesitar, o inteligentíssimo Rutiliano pediu a jovem em casamento, realizou a cerimônia – sendo ele um noivo de sessenta anos! – e a desposou, obtendo a proteção de sua sogra Lua com hecatombes inteiras e pensando ter-se tornado também um dos seres celestiais.

**[36]** Alexandre, uma vez que tomava parte nos assuntos da Itália, tinha planos sempre maiores e enviava mensageiros com oráculos a todos os cantos do Império Romano, predizendo às cidades como se precaverem de pestes, incêndios e terremotos. Também lhes prometia ajudá-las com firmeza, já que nada daquilo aconteceria. Enviou um certo oráculo, também este autófono, para todos os povos atingidos pela peste. Era de apenas um verso:

Febo de longa cabeleira a nuvem da peste aparta.

Esse verso podia ser visto por todos os lados, escrito sobre os portões, como um antídoto contra a peste. Mas produzia o efeito contrário para a maioria, já que, por um certo acaso, logo as casas nas quais o verso fora inscrito se esvaziaram. E não julgues que digo que se arruinaram por causa do verso – foi por simples acaso que assim aconteceu. Mas também a maioria das pessoas que confiavam no verso logo se descuidou e passou a viver bem despreocupadamente, não fazendo nada do que o oráculo mandava contra a doença, como se tivessem suas próprias palavras lutando a seu lado e Febo de longa cabeleira afastando a peste com o arco!

**[37]** Enquanto isso, ele espalhou muitos espiões na própria Roma, dentre seus conjurados, que o informavam das opiniões de cada um, lhe indicavam previamente as perguntas e o que mais queriam saber, a fim de que ele estivesse preparado para responder e soubesse de tudo antes de chegarem os enviados.

**[38]** Ele tramou tais coisas para preparar o terreno na Itália – e também outras do mesmo calibre, em sua pátria. Estabeleceu uma certa iniciação, ceri-

mônias com tochas e ministérios de sacerdotes, durante três dias – para sempre, até o fim dos dias. No primeiro, havia uma proclamação, como em Atenas, mais ou menos assim: “Se algum ateu, cristão ou epicúreo está aqui para espiar as cerimônias, que fuja! Já os que crêem no deus, que cumpram a iniciação em boa sorte!” Então, logo no princípio, acontecia a expulsão. Ele começava dizendo: “Fora com os cristãos!”, e a multidão inteira gritava: “Fora com os epicúreos!” Em seguida, acontecia o parto de Leto, o nascimento de Apolo, o casamento de Corônis, e Asclépio vinha à luz. No segundo dia, era o aparecimento de Glícon e o nascimento do deus. [39] No terceiro, havia o casamento de Podalírio e da mãe de Alexandre. Era o chamado Dia das Tochas, e tochas eram acesas. Finalmente, o amor da Lua e de Alexandre e o parto da mulher de Rutiliano. O Endimião Alexandre levava as tochas e realizava os ofícios. Jazia no meio de todos, deitado desde o começo, e descia sobre ele, do teto, como que do céu, no papel da Lua, uma certa Rutília, jovem formosíssima, mulher de um dos administradores de César, que era realmente apaixonada por Alexandre e correspondida por ele. Sob os olhos daquele seu detestável marido, trocavam beijos na boca e abraços, no meio de todos. Se não houvesse muitas tochas, logo fariam também o que se faz debaixo das cobertas. Pouco depois, ele entrava vestido novamente como um sacerdote, em meio a um grande silêncio, e gritava a toda voz: “Eh!, Glícon!” Acompanhando-o, alguns Eumólpidas e Céricas<sup>15</sup> paflagônios, calçados com carbatinas, arrotavam uma forte salmoura de alho: “Eh!, Alexandre!”.

[40] Muitas vezes, durante a cerimônia das tochas e as danças místicas, sua coxa, desnudada de propósito, exibia ouro, com certeza envolvida em couro dourado e brilhando à luz das lâmpadas. Assim, certa vez, dois doutos idiotas tiveram uma discussão a respeito dele, se sua alma seria a de Pitágoras, por causa da sua coxa de ouro, ou outra à sua altura. Relatando os dois essa discussão ao próprio Alexandre, o rei Glícon resolveu o problema com um oráculo:

A alma de Pitágoras ora fenece, ora cresce;  
Sua profecia é um rochedo de espírito vindo de Zeus.  
Ela, enviou-a seu pai como protetora dos homens bons;  
E de novo retornará a Zeus, de Zeus fulminada por um raio.

[41] Prescrevendo a todos que se abstivessem do contato com meninos, pois isso seria uma coisa ímpia, ele mesmo, o nobre, tramou o seguinte: ordenou às cidades do Ponto e da Paflagônia que lhe enviassem ministros por três anos, para cantarem hinos ao deus, junto dele; era necessário que fossem enviados,

15. Eumólpidas e Céricas: sacerdotes por direito hereditário, nos mistérios de Elêusis. Céricas: “Arautos”.



depois de exame e seleção, os mais nobres, mais jovens e que se distinguissem pela beleza; prendendo-os então, ele os usava como se os tivesse comprado, dormindo com eles e humilhando-os de toda forma. Tinha também estabelecido uma regra: não saudava com sua boca, nem abraçava e beijava ninguém com mais de dezoito anos, apenas estendendo-lhes a mão para que a beijassem. É que ele beijava só os bem jovens, os que chamava de “bons de beijo”.

[42] Levava a vida zombando dos tolos com trapanças desse tipo, corrompendo livremente as mulheres e tocando os meninos. E era uma coisa grande e desejada por todos que olhasse para a mulher de alguém: se, além disso, ainda a considerasse merecedora de um beijo, o esposo julgava que uma grande sorte correria para dentro de sua casa. Muitas ainda juravam que tinham tido algum filho dele, enquanto seus maridos testemunhavam que diziam a verdade.

[43] Quero também contar-te o diálogo entre Glícon e um certo Sacerdos, um homem de Tio. Como seria a inteligência deste, saberás a partir de suas perguntas. Li este diálogo em Tio, escrito em letras de ouro, na casa de Sacerdos:

- Diga-me, ó senhor Glícon, quem és tu?

- Eu sou – ele respondeu – novo Asclépio.

- Outro, diferente daquele, o primeiro? O que estás dizendo?

- Não é permitido ouvires isso.

- Por quantos anos permanecerás entre nós, a predizer?

- Mil e três anos.

- Depois, para onde te mudarás?

- Para Bactra e a região de lá, pois é preciso que também os bárbaros usufruam de minha estadia.

- Quanto aos outros oráculos, o de Dídimos, o de Claro e o de Delfos, têm eles o pai Apolo a predizer, ou são falsos os oráculos proferidos agora lá?

- Também isso não queiras saber. Não é permitido.

- Quem serei eu depois desta vida?

- Um camelo, depois um cavalo, depois um homem sábio e profeta não menor do que Alexandre.

Glícon disse tais coisas para Sacerdos. Por fim, proferiu um oráculo metrificado, sabendo que ele era seguidor de Lépido:

Não acredites em Lépido, pois um infortúnio funesto o acompanha.

Na verdade, ele temia muito Epicuro, como eu disse antes, pois era um opositor habilidoso e um sábio adversário de sua falsidade. [44] Tanto que colocou em grande perigo um seguidor de Epicuro, que tinha ousado desmascará-lo diante dos presentes. O epicúreo, aproximando-se, disse em voz alta: “Tu mesmo, Alexandre, havias convencido aquele tal paflagônio a levar os seus próprios criados à presença do governador da Galácia para serem mor-

tos, como se tivessem matado o seu filho, que estava sendo educado em Alexandria; porém, o rapaz está vivo e retornou são e salvo, depois da ruína dos criados, entregues às feras por ti”.

O fato tinha acontecido assim: indo o rapaz numa nau para o Egito, em direção a Clisma, ele mesmo, em alto mar, decidiu navegar para a Índia, e, como se demorasse por lá, aqueles desafortunados criados, pensando que o rapaz tinha morrido navegando no Nilo, ou que tinha sido atacado por piratas (havia muitos então), voltaram anunciando o seu desaparecimento. Então, deram-se o oráculo e a sentença, depois da qual chegou o rapaz, contando sua estada no estrangeiro.

[45] O epicúreo contou o que realmente houve. Alexandre, irritado com o desmascaramento e não suportando a verdade da denúncia, ordenou aos presentes que o expulsassem a pedradas, senão também eles seriam amaldiçoados e chamados de epicúreos. Começaram a expulsá-lo, estando presente um certo Demóstrato, o homem mais importante do Ponto. Este, afastando a multidão, livrou o outro da morte, quando faltava pouco para ser apedrejado, com muita justiça. Afinal, por que precisava de, sozinho, ser sensato em meio a tanta gente enlouquecida e de tirar vantagem da tolice dos paflagônios?

[46] Deu-se com alguns o mesmo que aconteceu a esse homem. Outros, desejando consultar o oráculo, eram chamados pela ordem da fila (isso era feito um dia antes de serem proferidos os oráculos). O mensageiro perguntava se ele prediria a esse ou àquele, e, se Alexandre respondesse, de dentro: “Aos corvos!”, ninguém mais deveria receber tal homem em casa, nem compartilhar fogo ou água com ele. Passava então a ser expulso de um lugar para outro, como um ímpio, ateu e epicúreo (o que era a maior ofensa possível).

[47] Certa vez, Alexandre fez a mais ridícula das suas: encontrando as “Opiniões Mestras” de Epicuro (o mais belo dos livros, como sabes, e o que contém os princípios capitais da sabedoria do homem), levou-o para o meio da ágora, queimou-o sobre galhos de figueira, como se estivesse queimando o próprio Epicuro, jogou as cinzas no mar e ainda proferiu um oráculo:

Abrasardes ordeno as opiniões de um velho sombrio.

O desgraçado não sabia de quantos bens aquele livro se torna a causa para os que o lêem, quanta paz, serenidade e libertação lhes inspira, livrando-os dos temores, das aparições e dos prodígios, assim como das vãs esperanças e dos desejos desmedidos, colocando neles inteligência e verdade, purificando de fato suas mentes, não com tochas, cilas<sup>16</sup> ou outras bobagens, mas com a razão reta, a verdade e a franqueza.

16. A cila (em grego *skilla*) é uma planta marinha, da família das liláceas, bulbosa, de flores azuis, duas folhas largas e acuminadas (*scilla maritima*), que tem propriedades medicinais, agin-

[48] Além dos seus outros feitos, ouve agora a maior ousadia desse homem sujo. Tendo considerável trânsito no Império e na corte, por causa do bom nome de Rutiliano, enviou um oráculo quando a guerra na Germânia estava no ápice, no momento em que o divino Marco tinha-se aliado aos marcomanos e aos quados. O oráculo mandava lançar dois leões vivos no Istro, junto com muitas plantas aromáticas e sacrifícios magníficos. É melhor que o próprio oráculo fale por si:

Aos turbilhões do divo rio Íster  
 atirar ordeno dois servidores de Cibele,  
 feras montanhas, e quantas flores produz  
 o clima índico e plantas olorosas; logo haverá  
 vitória e grande fama, junto com a paz desejada.

Fazendo-se isso, como ele tinha prescrito, os bárbaros, com clavas, sacrificaram os leões, que haviam nadado até a margem inimiga, como se fossem algum tipo exótico de cão ou lobo. Em pouco tempo, os nossos sofreram o seu maior revés, encontrando a ruína, de uma vez, quase vinte mil homens. Depois, seguiram-se os acontecimentos de Aquiléia e a imediata tomada daquela cidade. Alexandre, diante desse resultado, com indiferença, invocou a famosa justificativa de Delfos para o oráculo de Cresos: o deus havia predito uma vitória, mas não havia mostrado se seria dos romanos ou dos inimigos.

[49] Quando então já muitos corriam para lá, uns após outros, e a cidade não comportava a multidão dos que vinham em busca dos oráculos (não tinha sequer o suficiente para as necessidades básicas), ele imaginou os chamados oráculos noturnos. Recebendo os rolos, dormia sobre eles, segundo contava, e dava-lhes a resposta como se a tivesse ouvido do deus, num sonho. Entretanto, as respostas, na maior parte, não eram claras, mas ambíguas e confusas, principalmente se ele visse que o rolo estava selado com especial cuidado. Sem correr riscos, escrevia o que lhe vinha à mente, de qualquer jeito, pensando que isso também era apropriado para os oráculos. Havia ainda alguns intérpretes prontos para essa situação, que cobravam dos que recebiam tais oráculos um bom pagamento por sua interpretação e pela abertura do selo. Essa função também era taxada: cada um dos intérpretes pagava a Alexandre um talento ático.

do sobre o tônus do músculo cardíaco, sendo empregada também como diurética e expectorante. É também chamada de *cebola marítima* (*cebola albarrã* ou *cebola brava*). Há cerca de oitenta espécies de cila na Europa, África e Ásia. Em altas doses é tóxica. Marcel Caster, comentando a passagem de Luciano, afirma que a *cebola marítima* “era um dos melhores absorventes de impurezas: empregava-se em quase todos os ritos de purificação” (Caster, Marcel, *Études sur Alexandre ou le faux prophète de Lucien*. Paris: s/ed., 1938).

[50] Às vezes, sem ninguém ter perguntado nem enviado alguém, sequer existindo a suposta pessoa, ele proferia oráculos, para o pasmo dos estúpidos, tal como este:

Atenta: alguém, muito bem oculto de ti, com tua  
virgem Caligenéia fornicava sobre o leito, em tua casa:  
o escravo Protógenes, em quem tu tens inteira confiança.  
Violentaste-o, e ele agora a tua cômputo,  
com esta paga retribuindo a violência sofrida.  
E para ti há preparada por eles uma droga nociva,  
para que nem ouças, nem vejas o que fazem.  
Hás de encontrá-la no chão, sob teu leito, perto da parede,  
do lado da cabeça. Tua serva também sabe, Calipso.

Que Demócrito não se perturbaria ouvindo detalhadamente nomes e lugares – e logo depois não os desprezaria, compreendendo a sua falsidade?

[51] A outro que, novamente, não estava presente e nem existia de forma alguma, disse, sem metro, que voltasse em seguida: “O que te enviou foi morto hoje por seu vizinho Díocles, com a ajuda dos bandidos Magno, Célero e Búbalo, que já se encontram capturados e presos”.

[52] Ele também, muitas vezes, proferiu oráculos a bárbaros, encontrando com facilidade alguns compatriotas deles que se achavam na cidade, no caso de lhe entregarem rolos fazendo-lhe perguntas em sua língua pátria, fosse sírio ou celta. Por isso, era longo o tempo entre a entrega dos rolos e a resposta do oráculo, já que, nesse período, os rolos deveriam ser abertos com calma e cuidado e os que seriam capazes de traduzir cada um deles deveriam ser encontrados. Era desses o oráculo dado a um cita:

Forma **eubárgulis** para a escuridão **khnekhikrage** deixarás a luz.

[53] Escuta alguns dos que me foram dados. Perguntando-lhe eu se Alexandre era careca, tendo selado o rolo com muita minúcia e de forma bem visível, foi ditado um oráculo noturno:

**Sabardalakhū malakhaattealos** era.

Outra vez, fiz-lhe eu, em dois rolos diferentes, uma mesma pergunta: “De onde era o poeta Homero?”. Usei dois nomes distintos. A um deles, enganado por meu jovem mensageiro (perguntado a respeito do que vinha, ele disse: “Venho pedir um tratamento para uma dor de lado”), ele ditou:

Citmidā ordeno aplicar e baba de corcel.

Ao outro nome, uma vez que escutara que o que tinha enviado o rolo teria perguntado se lhe era preferível viajar para a Itália por mar ou a pé, não respondeu ele nada que dissesse respeito a Homero:

Não vás por mar, antes segue caminho a pé, pela estrada.

[54] Eu mesmo tramei muitas coisas desse tipo contra ele. Esta, por exemplo: fazendo apenas uma pergunta, escrevi sobre o rolo, de acordo com o costume: “Oito perguntas de Fulano”, inventando um nome e enviando as oito dracmas e os trocados. Ele, acreditando no envio de pagamento e no escrito sobre o rolo, para apenas uma pergunta (era esta: “Quando Alexandre será preso por charlatanice?”), enviou-me oito oráculos, que, como se diz, não tinham nada a ver nem com o céu nem com a terra, eram antes todos estúpidos e ininteligíveis.

Percebendo tais coisas, por fim, e que era eu quem dissuadia Rutiliano de se casar e de se sujeitar tanto às esperanças dadas pelo oráculo, teve ódio de mim, como era natural, e me tomou como um grande inimigo. Certa vez, interrogando Rutiliano a meu respeito, ele lhe disse:

Aprazem-lhe noctívagos cochichos e leitos impuros.

Em suma, eu era, naturalmente, seu maior inimigo.

[55] Quando ele ouviu que eu tinha chegado à sua cidade e soube que aquele era o tal Luciano (levava comigo dois guardas armados, um com uma lança e outro com um dardo, que obtivera do governador da Capadócia, então meu amigo, para que me escoltassem até a beira do mar), mandou-me chamar imediatamente, com muita gentileza e benevolência. Ao chegar, notei muitos homens em torno dele. Eu também trazia a meu lado os dois guardas, para minha sorte. Ele me estendeu a mão direita, para que a beijasse, como costumava fazer com a maioria. E eu, aproximando a boca como se fosse beijar, com uma boa dentada fiz que faltasse muito pouco para que ficasse aleijado da mão.

Então, os presentes tentaram acuar-me e espancar-me, como um ladrão de templos, já irritados porque antes o tinha chamado de Alexandre, e não de “Profeta”. Ele, suportando a dor com muita nobreza, conteve-os e prometeu que facilmente eu me revelaria dócil e que ele mostraria a virtude de Glícon, o qual tornava todos seus amigos, mesmo os mais ásperos. Depois de afastá-los todos, defendeu-se diante de mim, dizendo que me conhecia bem e o que eu aconselhava a Rutiliano. Perguntou-me: “O que aconteceu para me fazeres tais coisas, podendo, com minha ajuda, ser muito favorecido junto dele?” E eu, já feliz por ter escapado, aceitei aquela demonstração de benevolência e, num instante, fingi ser seu amigo. Isso também pareceu um prodígio considerável aos que assistiam à cena, tão facilmente se deu a minha transformação.

[56] Então, decidi zarpar (estava lá apenas com Xenofonte, tendo antes enviado meu pai e meus familiares para Amástris). Ele, mandando-me muitos presentes e mostras de hospitalidade, prometeu fornecer-me um navio e os remadores que me conduziriam. Até pensei que fosse uma oferta sincera e direita, mas, quando me encontrei no meio do trajeto, ao ver o piloto chorando e discutindo alguma coisa com os marinheiros, não tive bons pressentimentos quanto ao que nos aguardava. Tinha-lhes sido ordenado por Alexandre que nos lançassem de cheio no mar. Se isso acontecesse, ele venceria facilmente a guerra contra mim. Porém, aquele homem que chorava convenceu seus companheiros de viagem a não nos fazer nada de funesto nem de mau. Disse-me: “Aos sessenta anos, como podes ver, tendo levado toda uma vida irrepreensível e pia, não quereria, a esta altura da existência, possuindo mulher e filhos, manchar minhas mãos com um assassinato” – tornando evidente por que nos tinha embarcado e do que tinham sido encarregados por Alexandre. [57] Desembarcando-nos em Egíalo, que também o bom Homero menciona, partiu de volta.

Lá, encontrando alguns bosforenses (eram embaixadores da parte do rei Eupátor que navegavam rumo à Bitúnia para o recolhimento do imposto anual), contei-lhes o perigo que pairara sobre nós e, tendo a sorte de encontrar pessoas bem-dispostas, embarquei no navio e fui levado são e salvo a Amástris, depois de ter passado tão perto da morte.

Desde então, eu mesmo me armei contra ele e, desejando defender-me, coloquei a postos todos os cabos de meu navio. Já antes do atentado eu o odiava e considerava meu inimigo, por causa da sujeira de seu caráter, e me atirava a acusá-lo tendo a meu lado muitos companheiros de luta, principalmente os seguidores de Timócrates de Heracléia; mas aquele que então governava a Bitúnia e o Ponto, Avito, conteve-nos, não só suplicando, mas implorando que parássemos, pois, devido à sua benevolência para com Rutiliano, não seria capaz de puni-lo, ainda que o flagrasse cometendo, às claras, um crime. Assim, fui forçado a renunciar a meu impulso e parei com minhas audácias pouco oportunas, diante de um juiz em tal estado de espírito.

[58] E como não foi uma grande ousadia de Alexandre, entre as outras suas, ter pedido ao Imperador que mudasse o nome de Abonotico e a chamasse Ionópolis? E ainda mais, que cunhasse uma nova moeda, tendo gravada, num lado, a efígie de Glícon, e, noutro, a de Alexandre, levando as grinaldas do seu avô Asclépio e aquele falcão do pai de sua mãe, Perseu?

[59] Tendo predito a respeito de si mesmo, por um oráculo, que lhe estava marcado pelo destino viver cento e cinqüenta anos e depois morrer atingido por um raio, morreu sem ter vivido sequer setenta, encontrando um fim miserável: como o filho de Podalírio, gangrenado do pé à virilha, fervilhando de vermes. Foi também quando descobriram que ele era careca, ao oferecer a

cabeça aos médicos para que a molhassem, a fim de aliviar sua dor, o que não poderiam fazer sem retirar a peruca.

**[60]** Esse foi o fim da tragédia de Alexandre, e assim se deu o desenlace de toda a trama – exatamente como se podia prever, mesmo tendo acontecido por acaso. Era preciso que seu funeral fosse digno de sua vida.

Estabeleceram uma disputa em torno do oráculo. Aqueles seus conjurados e charlatães, todos os corifeus, reunindo-se sob o juiz Rutiliano, deveriam destacar um deles para herdar o oráculo e receber a coroa de hierofante e profeta. Entre eles estava Peto, médico profissional, de cabelos grisalhos, que fazia coisas que não eram dignas nem de um médico nem de um homem grisalho. Mas o organizador da disputa, Rutiliano, dispensou-os sem receberem a coroa, guardando para si o encargo de profeta, mesmo depois que partisse desta vida.

**[61]** Estes poucos fatos, caro amigo, dentre muitos outros, julguei conveniente escrevê-los como uma amostra e também para ser-te agradável, a ti que és um bom companheiro e por quem eu, admirando-o dentre todos, tenho a maior estima, pela sabedoria, pelo amor à verdade, pela índole amena, pela tranqüilidade da vida e pela amabilidade para com os que convivem contigo – mas, principalmente (o que também apreciarás), para tomar a defesa de Epicuro, um homem realmente sagrado e divino por natureza, o único que na verdade conheceu as coisas belas, transmitiu-as e tornou-se o libertador dos que trataram com ele.

Assim, penso que meu escrito terá alguma utilidade para os que o lerem, refutando algumas opiniões e confirmando outras: as dos homens sensatos.

